



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

A República do Cruzeiro do Sul

The Republic of the Southern Cross

Autor: Valiéri Briúsov
Tradutora: Júlia Zorattini
Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil
Edição: RUS, Vol. 14. Nº 25
Publicação: Novembro de 2023
Recebido em: 04/09/2023
Aceito em: 31/10/2023

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2023.215683>



BRIÚSOV, Valiéri.
A República do Cruzeiro do Sul.
RUS, São Paulo, v. 14, n. 25, pp. 289-310, 2023.

A República do Cruzeiro do Sul¹

Valiéri Briúsov
Tradutora: Júlia Zorattini*

Introdução

Escrito por Valiéri Briúsov (1873-1924) e publicado em 1907, “A República do Cruzeiro do Sul” é um conto que descreve a devastação de uma cidade futurista (à primeira vista, uma utopia industrial) erguida sobre o Polo Sul, em virtude da epidemia de uma doença psíquica. Mesmo antes do desencadeamento da tragédia, a Cidade Estelar dificilmente poderia ser considerada uma sociedade ideal: a vida de seus habitantes era controlada nos mínimos detalhes por um despótico Conselho formado pelos diretores fabris locais. Trata-se, portanto, de uma narrativa distópica, antecessora de obras mais conhecidas do gênero, como *Nós* (1924), de Evguêni Zamiátin, e *1984* (1949), de George Orwell, e pioneira da longa e rica tradição da literatura de expressão russa de ficção científica. Briúsov, um dos expoentes do simbolismo russo, surpreende

* Universidade Federal Fluminense – UFF, Instituto de Letras, Campus Gragoatá. Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários; <http://lattes.cnpq.br/3756356957837606>; <https://orcid.org/0000-0001-6471-6866>; jzorattini@id.uff.br

Artigo publicado na edição especial do “Boletim Noturno do Norte Europeu”

Nos últimos tempos, surgiram inúmeros relatos da terrível catástrofe que se abateu sobre a República do Cruzeiro do Sul. Eles são muito contraditórios e descrevem fatos manifestamente fantásticos e inacreditáveis. Pelo visto, os cronistas têm conferido demasiada credibilidade aos testemunhos dos sobreviventes da Cidade Estelar, que, como é sabido, foram todos acometidos de um *distúrbio psíquico*. Por isso, consideramos ser conveniente resumir aqui todas as informações *confiáveis* recebidas até o momento acerca da tragédia que se deu no Polo Sul.

A República do Cruzeiro do Sul nasceu do conglomerado de indústrias metalúrgicas, situado próximo à região do Polo Sul, há quarenta anos. Em um comunicado enviado a governos ao redor do globo, a nova nação reivindicou todos os territórios continentais e insulares inseridos no Círculo Polar Antártico, assim como todas as terras que extrapolassem os seus limites. Também se dispôs a adquirir as porções de tais territórios que estivessem sob a proteção de outros Estados. As pretensões da nova República não encontraram qualquer resistência entre as quinze grandes potências globais. Houve controvérsias a respeito de certas ilhas situadas inteiramente além do círculo polar, mas adjacentes às regiões sul-polares; as resoluções se deram por meio de tratados especiais. Após a realização das formalidades necessárias, a República do Cruzeiro do Sul passou a integrar a família dos Estados soberanos mundiais e seus representantes foram reconhecidos pela comunidade internacional.

A capital, erguida no próprio Polo Sul, recebeu o nome de Cidade Estelar. Naquele ponto imaginário, atravessado pelo eixo terrestre e no qual se convergem todos os meridianos, localizava-se o prédio da Prefeitura. A agulha de sua torre se erguia acima dos telhados dos demais edifícios da cidade, apontando para o nadir celeste. Tomando a Prefeitura como ponto de partida, as ruas da cidade se dispersavam em meridianos

e eram cortadas por outras que, por sua vez, segmentavam-se em círculos paralelos. Todos os edifícios eram de altura e aparência idênticas. Não havia janelas, já que a iluminação dos interiores dependia exclusivamente da energia elétrica, também utilizada para aclarar as ruas. Devido às adversidades climáticas, um impenetrável teto opaco foi construído sobre a cidade, contando com potentes ventiladores para a realização de trocas constantes de ar. Essa área do planeta experienciava um dia solar que dura seis meses, seguido de uma longa noite, que se estende pela outra metade do ano. Apesar disso, as ruas da Cidade Estelar eram inundadas por luz uniforme e suficiente o ano inteiro. De modo similar, o patamar de temperatura era mantido de forma artificial.

De acordo com o último censo, a população da cidade havia atingido dois milhões e meio. O restante da população, estimado em cinquenta milhões, concentrava-se ao entorno de portos e polos industriais. Nessas regiões, formaram-se cidades, reminiscentes da Cidade Estelar em aparência, que também contavam com milhões de habitantes. Graças ao emprego engenhoso da eletricidade, os portos podiam funcionar durante todo o ano. Estradas elétricas suspensas conectavam os grandes centros urbanos, transferindo milhares de pessoas e toneladas de bens de cidade em cidade diariamente. Quanto ao interior do país, este permaneceu inabitado. Pelas janelas dos trens, os viajantes podiam apenas vislumbrar desertos monótonos, completamente cobertos pelo branco no inverno e por uma grama esparsa durante os três meses do verão. Os animais selvagens haviam sido exterminados há muito. Portanto, o homem não teria como sobreviver ali. O contraste com a vida agitada das zonas portuárias e industriais era marcante. Para que se tenha uma ideia do quão intensa era a vida em tais urbes, basta dizer que *sete décimos* do total de minérios terrestres passaram pelas refinarias estatais da República.

A constituição da República parecia apregoar a extrema democracia. Os únicos cidadãos plenos eram os trabalhadores metalúrgicos, que compunham 60% da população total. O Estado exercia o monopólio sobre a indústria e as minas. A

vida dos trabalhadores nas fábricas não só era repleta de todo tipo de conforto como chegava a ser luxuosa. Além de alojamentos suntuosos e mesas fartas, uma série de recursos para a sua educação e entretenimento estavam à sua disposição: bibliotecas, museus, teatros, concertos, quadras para a prática de toda sorte de esporte etc. O número de horas diárias de trabalho era irrisório. A educação das crianças, auxílios médico e jurídico, assim como a administração de serviços religiosos de várias crenças era tarefa do Estado. Uma vez que todas as suas necessidades, e mesmo seus caprichos, eram satisfeitos pela administração pública, os operários não recebiam remuneração em dinheiro. Entretanto, familiares de cidadãos que contavam com vinte anos de serviço ou que faleceram ou se que tornaram incapacitados durante seus anos de serviço, faziam jus a uma generosa pensão vitalícia, sob a condição de não deixar a República. Dentre os próprios trabalhadores, nas eleições gerais, eram escolhidos representantes para a Câmara Legislativa da República, cujo papel envolvia a solução de todas as questões concernentes à vida política do país, sem, entretanto, contar com o poder de alterar suas leis básicas.

Contudo, essa fachada democrática encobria uma tirânica e completa autocracia, encabeçada pelos membros fundadores do antigo truste. Ao conceder assentos para deputados na Câmara, eles invariavelmente conseguiam nomear seus candidatos como diretores fabris. A vida econômica do país era comandada pelo Conselho formado por esses diretores. Eles recebiam todos os pedidos e os distribuíam pelas fábricas, eram eles que adquiria os insumos e o maquinário para o trabalho. O papel da Câmara Legislativa no gerenciamento das indústrias se restringia à aprovação de balanços de crédito e relatórios de gastos, apesar desses relatórios apontarem um gasto muito superior ao permitido pelo orçamento nacional. A influência do Conselho sobre as relações internacionais era tremenda. Suas decisões eram capazes de arruinar países inteiros. Os preços determinados por eles afetavam os ganhos de trabalhadores ao redor do planeta. Ao mesmo tempo, a influência do Conselho nos assuntos internos da República,

ainda que indireta, sempre foi decisiva. A Câmara Legislativa era, na verdade, apenas uma submissa executora da vontade do Conselho.

A rigorosa regulação da vida pública conservou o poder nas mãos do Conselho. Apesar de gozarem de liberdade aparente, os cidadãos tinham suas vidas controladas nos mínimos detalhes. As construções em todas as cidades da República deveriam seguir um padrão estabelecido em lei. Ainda que fosse luxuosa, a decoração dos quartos concedidos aos funcionários era forçosamente uniforme. Todos recebiam as mesmas rações e se alimentavam no mesmo horário. As vestimentas fornecidas pelos armazéns estatais eram sempre idênticas e assim permaneceram por décadas. Após a emissão do toque de recolher pela prefeitura, era vedado à população deixar suas residências. Toda a imprensa se encontrava sob perspicaz censura. Nenhum artigo contrário à ditadura era aprovado. No entanto, todo o país estava tão convencido da benevolência do regime que, mesmo os datilógrafos, se recusavam a redigir uma linha sequer em crítica ao Conselho. As fábricas estavam repletas de seus agentes. Ao perceber a mais ínfima sombra de insatisfação com o Conselho, os agentes rapidamente organizavam reuniões nas quais dissuadiam os duvidosos com discursos apaixonados. O argumento chave era de que a vida dos trabalhadores na República era objeto de inveja de todo o mundo. Há alegações de que o Conselho não evitava recorrer a assassinatos políticos no caso de agitações consistentes por parte de alguns indivíduos. Fato é que, durante toda a existência da República, nenhum único diretor hostil aos membros fundadores foi eleito ao Conselho nas eleições gerais. A população da Cidade Estelar era composta, principalmente, de trabalhadores aposentados. Estes tornaram-se, por assim dizer, *rentiers* estatais. Os recursos que recebiam do Estado permitiam a manutenção de altos padrões de vida. Não é de se surpreender que a Cidade Estelar foi considerada uma das cidades mais felizes do mundo. Para diferentes tipos de empresários e investidores, ela era uma mina de ouro. Celebidades de todo o mundo levavam os seus talentos para lá: as melhores óperas, os melhores concertos, as melhores exposições de arte

passaram por ela. Os jornais mais conceituados eram publicados ali. As lojas da Cidade Estelar encantavam com a variedade de opções que apresentavam, os restaurantes, com o luxo e a sofisticação do serviço. Os bordéis seduziam com toda sorte de devassidão inventada tanto no velho, como no novo mundo. Ainda assim, a regulamentação governamental da vida persistia na Cidade Estelar. De fato, não havia limitações ao que os cidadãos podiam fazer com a decoração de seus apartamentos ou com suas vestimentas, mas os toques de recolher eram estritamente mantidos, a censura à imprensa era intensa, o Conselho mantinha uma extensa equipe de espões. A ordem era preservada, oficialmente, pela Polícia Civil, mas a seu lado a Polícia Secreta agia sob o comando do onisciente Conselho.

Em termos gerais, assim era a ordem da vida na República do Cruzeiro do Sul e em sua capital. A tarefa dos historiadores no futuro será determinar em que grau esses fatores influenciaram o surgimento da crise e a disseminação da epidemia que condenou à destruição a Cidade Estelar e, talvez, até mesmo todo o jovem país.

Os primeiros casos de “contradição” (nome popular da *Mania contradicens*) foi registrado na República há vinte anos. Naquele tempo, a doença ainda era rara e os surtos, esporádicos. Ainda assim, psiquiatras e neuropatologistas locais se interessaram e desenvolveram estudos e relatórios sobre ela, alguns dos quais foram apresentados no Congresso Internacional de Medicina em Lhasa. No final das contas, a enfermidade acabou sendo esquecida, embora as clínicas psiquiátricas da Cidade Estelar sempre contassem com ao menos alguns pacientes acometidos de “contradição”. O nome da moléstia se deve ao seu principal sintoma: os doentes constantemente contrariam seus próprios desejos. Querem algo, mas dizem e fazem o oposto. O quadro inicial costuma ser bastante brando, manifestando-se principalmente sob a forma de uma espécie de afasia. O doente diz “não” ao invés de “sim”; quer dizer palavras afetuosas ao seu interlocutor, mas acaba xingando-o etc. Pequenas “contradições” começam a surgir em seu comportamento: querendo ir para a esquerda,

vira à direita; pensa em erguer a aba do chapéu para enxergar melhor, mas acaba usando-a para cobrir seus olhos e assim por diante. Conforme o quadro progride, essas “contradições” preenchem toda a vida corpórea e espiritual do paciente. Isso pode acontecer de inúmeras formas, de acordo com a individualidade de cada doente. De modo geral, a fala do paciente se torna ininteligível e suas ações, absurdas. As funções fisiológicas também deixam de operar corretamente. Uma vez percebida a irrazoabilidade de seu comportamento, o paciente se agita, podendo até mesmo entrar em frenesi. Muitos acabam cometendo suicídio, vez em um acesso de loucura, vez o oposto: num agora raro momento de clareza espiritual. Outros morrem de hemorragia cerebral. A moléstia quase sempre tem consequências fatais; são raros os casos de cura.

A *Mania contradicens* atingiu *status* de epidemia na Cidade Estelar em meados deste ano. Até então, o número de infectados nunca superou 2% do total de enfermos. Entretanto, no mês de maio (outono na República), esse número decolou para 25% e continuou a crescer nos meses seguintes. O número absoluto de doentes cresceu na mesma proporção. Em meados de junho, já cerca de 2% de toda a população, isto é, cerca de cinquenta mil pessoas, contraíram oficialmente a “contradição”. Não há dados estatísticos referentes aos meses seguintes. Os hospitais estavam superlotados. O contingente de médicos rapidamente se mostrou insuficiente. Ao mesmo tempo, os profissionais da saúde também se expuseram à doença. Em pouco tempo, os doentes não teriam a quem recorrer e passou a ser impraticável manter o controle estatístico da doença. Contudo, testemunhas relatam que, em julho, já era impossível encontrar alguma família que não contasse com ao menos um infectado. Ao mesmo tempo, o número de pessoas saudáveis diminuiu com a emigração em massa causada pelo medo da doença, enquanto o número de enfermos não parava de crescer. É possível supor que os rumores de que, em agosto, toda a população da Cidade Estelar já estava adoecida não se distanciavam tanto da realidade.

Os primeiros estágios da epidemia puderam ser

acompanhados por meio do jornal local, que incluía as notícias na coluna dedicada a *Mania contradicens*, cada dia mais extensa. Dado que o diagnóstico da doença em seus primeiros estágios é bastante difícil, a cobertura dos eventos iniciais foi repleta de episódios engraçados. Um condutor de metrô, ao invés de cobrar as passagens, entregou dinheiro aos passageiros. Um guarda de trânsito, cuja responsabilidade era manter o tráfego organizado, acabou tornando-o ainda mais confuso. Um visitante de um museu, ao caminhar de sala em sala, retirou todos os quadros e os virou para a parede. Um jornal, tendo passado pelas maníacas mãos do editor, foi impresso no dia seguinte repleto de absurdos cômicos. Em um concerto, um violinista adoentado arruinou a performance da orquestra com horríveis dissonâncias etc. Uma longa série de eventos do tipo alimentou a mordaz perspicácia dos jornalistas locais. Mas uma onda distinta de casos logo fez cessar o fluxo de piadas. O primeiro consistiu em um médico acometido pela “contradição” que prescreveu veneno a uma paciente, que, obediente à recomendação do profissional, de fato foi a óbito. Os jornais se ocuparam deste evento por três dias. Em seguida, duas babás, em uma crise de “contradição”, degolaram quarenta e uma crianças em um jardim de infância municipal. Este caso chocou toda a cidade. Na noite daquele mesmo dia, dois pacientes subtraíram uma metralhadora de uma delegacia e atiraram sobre uma multidão pacífica. O número de mortos e feridos chegou a quinhentos.

Depois disso, todos os jornais e toda a sociedade civil passaram a exigir a tomada imediata de medidas contra a epidemia. Em uma reunião extraordinária, o Conselho Municipal e a Câmara Legislativa decidiram convidar médicos de outras cidades e do exterior; expandir os hospitais já existentes; abrir hospitais de campanha e centros para quarentena dos pacientes em todos os lugares; editar e distribuir quinhentos mil exemplares de um folheto, no qual os sintomas da enfermidade e medidas profiláticas eram apresentados ao público; organizar plantões médicos em todas as ruas, bem como a realização de rondas dos apartamentos privados para a prestação de

primeiros socorros e assim por diante. Também foi decidido que trens exclusivos para os infectados transitariam em todas as linhas, dado que os especialistas concluíram que a mudança de ares era o melhor tratamento para a doença. Atividades similares foram desempenhadas por associações privadas, sindicatos e clubes. Até mesmo uma “Sociedade para o combate à epidemia” especial foi fundada. Seus membros rapidamente se provaram ser verdadeiros altruístas. Contudo, apesar dos esforços incansáveis de todos, a epidemia se intensificava diariamente, afetando idosos e crianças, homens e mulheres, pessoas que trabalhavam e pessoas que descansavam, abstinências e devassos. E, em pouco tempo, toda a sociedade foi engolfada por um terror sem precedentes.

Iniciou-se o êxodo. A princípio, dignatários proeminentes, diretores, membros da Câmara Legislativa e do Conselho Municipal se apressaram a enviar suas famílias para cidades do sul da Austrália e da Patagônia. Eles foram seguidos por membros da população ocasional: estrangeiros que haviam vindo voluntariamente à “cidade mais feliz do Hemisfério Sul”, artistas e empresários de todas as sortes, mulheres da vida. Depois, com os novos avanços da epidemia, também se foram os comerciantes. Eles se apressaram a liquidar seus estoques, ou então deixaram-nos ao léu. Com eles, foram-se os banqueiros, donos de teatros e restaurantes, editoras de jornais e livros. E então, finalmente, foram-se os locais. Por força de lei, trabalhadores aposentados eram proibidos de deixar a República sem permissão do governo, sob pena de perda de suas pensões. Mas essa penalidade não importava mais; eles preferiram salvar suas vidas. Começaram também as deserções. Escaparam funcionários públicos, policiais civis, enfermeiros, farmacêuticos e médicos. O desejo de fugir se tornou uma obsessão. Foram-se todos os que puderam.

Multidões atacavam as estações de trem. Passagens eram compradas por valores astronômicos e adquiri-las era uma luta. Fortunas eram pagas por um assento em um dos dirigíveis, nos quais era permitida apenas uma dúzia de passageiros por vez... Aqueles que não conseguiam adquirir passagens

invadiam os vagões no momento da partida dos trens e não renunciavam aos lugares usurpados por nada. As multidões paravam os trens designados aos doentes, arrancavam-nos dos vagões, tomavam seus leitos e forçavam o maquinista a seguir viagem. Desde o final de maio, as ferrovias da República passaram a operar apenas nas linhas que conectam a capital aos portos. Os trens deixavam a Cidade Estelar abarrotados; passageiros se apinhavam em todos os corredores e até mesmo ousavam arriscar suas vidas ao se pendurar nas laterais externas do veículo, uma vez que as altas velocidades dos trens modernos podem causar asfixia. Empresas de navegação australianas, sul-americanas e sul-africanas lucraram de forma estratosférica com o transporte dos emigrantes a outros países. Não foi menor o enriquecimento alcançado por duas companhias sulistas de dirigíveis que realizavam cerca de dez voos por dia e tiraram da Cidade Estelar os últimos bilionários retardatários... Por outro lado, em direção à capital, os trens seguiam quase vazios; era praticamente impossível encontrar alguém que se dispusesse a trabalhar lá, não importa o quão elevado fosse o salário oferecido. Apenas de quando em quando chegavam à cidade condenada turistas excêntricos em busca de fortes emoções. Calcula-se que, desde o início do grande êxodo até 22 de junho, quando o funcionamento regular dos trens cessou, cerca de um milhão e meio de pessoas deixou a Cidade Estelar, ou seja, quase dois terços de toda a população, por meio das seis ferrovias.

Em virtude de seu espírito empreendedor, força de vontade e coragem nesses tempos difíceis, o presidente do Conselho Municipal, Horácio Deville, se consagrou nos anais da História. Em uma reunião emergencial em 5 de junho, o Conselho Municipal, em acordo com a Câmara e o Conselho de Diretores concedeu a Deville o título de Diretor e o poder ditador sobre a cidade, transferindo para ele o controle sobre o orçamento municipal, a Polícia Civil e outras instituições públicas municipais. Em seguida, os escritórios governamentais e os arquivos do governo foram transferidos da Cidade Estelar para o Porto Norte. O nome de Horácio Deville merece ser registrado em letras douradas entre os mais nobres da humanidade. Por

seis semanas, ele combateu a rampante anarquia na cidade. Ele foi bem-sucedido em reunir ao redor de si ajudantes igualmente dedicados e em manter a disciplina e obediência da polícia e dos agentes públicos, antes paralisados e dizimados pelo horror do desastre geral. Centenas de milhares de pessoas devem sua salvação à energia e eficiência de Deville. Ele tornou os últimos dias de outros milhares mais fáceis, dando-lhes a oportunidade de morrer com dignidade nos hospitais sob cuidados adequados, ao invés de serem massacrados pelas multidões enlouquecidas. Por fim, Deville deixou para a humanidade uma crônica da catástrofe, na forma dos informativos e precisos telegramas enviados por ele várias vezes ao dia da Cidade Estelar ao assento temporário do Poder Executivo no Porto Norte.

A primeira medida tomada por Deville no posto de Diretor foi uma tentativa de acalmar o ânimo perturbado da população. Foram publicados manifestos explicando que a transmissão de enfermidades mentais é facilitada pelo agitação psíquico e solicitando àqueles que se encontrassem saudáveis e equilibrados que acalmassem os fracos e nervosos. Nesse ínterim, Deville contatou a “Sociedade para combate da epidemia” e incumbiu seus membros da vigilância de teatros, reuniões, praças e ruas. Naqueles dias, raramente se passava uma hora sem que ao menos um caso fosse detectado em algum lugar. Aqui e ali, indivíduos ou grupos inteiros de infectados exibindo comportamento anormal eram avistados. A maior parte dos enfermos que compreendiam sua condição queria buscar ajuda. Mas, em virtude de sua psique perturbada, tal desejo se manifestava por meio de hostilidades contra quem quer que estivesse por perto. Os doentes, na realidade, gostariam de ir para casa ou para o hospital, mas, ao invés de fazê-lo, corriam aterrorizados para os subúrbios. Ocorria-lhes a ideia de pedir que alguém intercedesse por eles tenha ocorrido a alguns deles, mas, ao contrário, acabavam agarrando transeuntes pelo pescoço, estrangulando-os, espancando-os, chegando às vezes a feri-los com facas ou gravetos. Assim, todas as vezes que uma pessoa com “contradição” aparecia por perto, as multidões fugiam. Era em tais momentos que

membros da “Sociedade” vinham ao resgate. Enquanto uns capturavam o paciente, acalmavam-no e o conduziam ao hospital mais próximo, outros tentavam explicar à massa que não havia qualquer perigo, que aquilo tudo se tratava apenas de um infortúnio contra o qual todos deveriam dirigir seus melhores esforços.

Em teatros e reuniões, episódios súbitos da doença costumavam ter desfechos trágicos. Durante uma ópera, algumas centenas de espectadores, ao invés de expressarem seu deleite aos cantores, subiram ao palco e os cobriram de golpes. No Grande Teatro de Drama, um ator repentinamente adoecido, cujo personagem deveria se suicidar com um revólver, tentou atirar várias vezes sobre a plateia. A arma, evidentemente, não estava carregada, mas a tensão do momento acelerou o desenvolvimento da doença entre aqueles em que ela já estava latente. Em meio à desordem, o pânico natural foi intensificado pelos atos “contraditórios” dos loucos e dúzias de pessoas foram mortas. Mas o incidente mais grave de todos, sem dúvida, foi o ocorrido no Teatro dos Fogos de Artifício. Os agentes de polícia designados para a realização do protocolo de segurança contra incêndios, em um acesso da doença, atearam fogo ao palco e às cortinas. Ao menos duzentas pessoas pereceram no incêndio. A partir de então, Horácio Deville ordenou a interrupção de todas as apresentações teatrais e musicais na cidade.

A criminalidade configurava outra grande ameaça à população. Com o caos generalizado, salteadores encontraram amplo campo para o exercício de suas atividades. Especulava-se que alguns deles teriam vindo do exterior. Uns dissimulavam insanidade para continuarem impunes, outros nem mesmo consideravam necessário mascarar suas intenções. Sem medo, gangues de ladrões adentravam lojas abandonadas e subtraíam objetos de valor, invadiam apartamentos e demandavam ouro, abordavam transeuntes e lhes tomavam joias, relógios, anéis e pulseiras. Aos roubos se somava toda sorte de violência, principalmente contra as mulheres. O chefe da polícia enviou batalhões inteiros para combater o crime, mas os criminosos não se intimidaram a entrar em confrontos

abertos. Houve casos terríveis em que a “contradição” se misturava às batalhas, fazendo que tanto policiais, quanto bandidos voltassem as armas contra os seus. Inicialmente, os delinquentes apreendidos seriam expulsos da cidade por Deville. Mas um grupo doente de cidadãos os libertou e tomou os seus lugares nos camburões da polícia. Devido a tal incidente, o Diretor foi forçado a sentenciar à morte, no próprio local do crime, os assaltantes e estupradores detidos em flagrante. Assim, pela primeira vez em três séculos, a pena de morte foi restituída.

A partir de junho, a cidade começou a sofrer com a falta de insumos básicos, como medicamentos. O abastecimento pelas ferrovias foi reduzido e a produção quase cessou por completo. Deville organizou padarias municipais e a distribuição de pão e carne a todos os residentes. Cantinas públicas modeladas nos padrões daquelas existentes nas fábricas foram abertas por toda a cidade. Entretanto, foi impossível encontrar mão-de-obra suficiente para operá-las. Os voluntários trabalhavam até a exaustão e seus números diminuía paulatinamente. Os crematórios ardiam sem parar, mas não eram capazes de dar vazão ao número de corpos nos necrotérios. Cadáveres podiam ser encontrados nas ruas e nos apartamentos. Havia cada vez menos pessoas para operar os serviços de comunicação, iluminação pública, água e saneamento. É impressionante como Deville administrou toda a crise. Ele sempre assistia a tudo, cuidava de tudo. Ao analisarmos sua correspondência, é fácil acreditar que ele não se permitia um único momento de descanso. Todos os sobreviventes concordam que seu gerenciamento da crise está acima de qualquer elogio.

Em meados daquele mês, a insuficiência de funcionários nas vias férreas começou a ser sentida. Não havia maquinistas ou condutores para servir os trens. No dia 17, ocorreu o primeiro acidente na linha sudeste. Em um acesso da doença, o maquinista lançou o veículo contra uma geleira. Quase todos os tripulantes foram ou mortos ou mutilados. As notícias chegaram como um trovão à cidade com o próximo trem. Em seguida, foi enviado um trem sanitário que trouxe os cadáveres e

os corpos mutilados, meio mortos, dos sobreviventes. Ao anoitecer daquele dia, uma colisão similar na primeira linha foi reportada. As duas ferrovias que conectavam a cidade ao resto do mundo estavam então danificadas. Destacamentos foram enviados tanto da capital quanto do porto norte para reparar os trilhos, mas durante o inverno o trabalho é praticamente inviável naquele lugar. As esperanças de uma rápida restauração do tráfego tiveram de ser abandonadas.

Essas duas tragédias apenas ditaram os padrões das seguintes. A ansiedade dos maquinistas era proporcional à probabilidade de repetirem os atos de seus antecessores em um ataque doentio. Justamente por temerem destruir os trens, acabavam destruindo-os. Entre os dias 18 e 22 de junho, sete trens lotados se acidentaram. Milhares de pessoas morreram em decorrência de ferimentos ou de fome nas planícies nevadas. Apenas alguns tiveram forças para retornar à cidade. Agora, as seis ferrovias principais estavam danificadas. Antes disso, a comunicação com os dirigíveis também fora perdida. Um deles foi destroçado por uma multidão ressentida com o fato de que apenas os ricos possuíam os meios para arcar com o valor das passagens e utilizá-los para sair da cidade. Todos os demais dirigíveis, um após outro, sofreram quedas, provavelmente por causas semelhantes às das catástrofes ferroviárias. A partir de então, a população da cidade, que naquele ponto era de cerca de seiscentos mil habitantes, podia contar apenas com o telégrafo para se comunicar com o resto do mundo.

No dia 24, os serviços de metrô foram interrompidos em virtude da falta de funcionários. Dois dias depois, os serviços telefônicos foram descontinuados. No dia 27, todas as farmácias, exceto a central, foram fechadas. Em 1º de julho, o Diretor expediu um decreto comandando que todos os residentes se realocassem para a área central da cidade, esvaziando as periferias, de forma a facilitar a manutenção da ordem e a distribuição de recursos e auxílio médico. As pessoas deixavam seus apartamentos e se estabeleciam nos alheios. O conceito de propriedade privada desapareceu. Ninguém se ressentia em abandonar o que era seu e não era estranho que alguém

buscasse refúgio em um lar que não lhe pertencia. Mesmo em tais circunstâncias, ainda havia ladrões e saqueadores, cuja humanidade não temos escolha senão questionar. Eles continuaram roubando e, atualmente, encontra-se verdadeiros tesouros em ouro e joias, jazendo nas casas abandonadas, ao lado dos cadáveres meio apodrecidos dos saqueadores.

É admirável que, apesar de toda a mortandade, a vida conservava sua forma anterior. Alguns comerciantes mantinham suas lojas em funcionamento e vendiam mercadorias tais como doces, flores, livros e armas por valores, por alguma razão, absurdos... Os compradores, sem arrependimentos, despendiam o ouro desnecessário nesses bens, e os avaros vendedores rapidamente escondiam tais riquezas, não se sabe para quê. Ainda havia antros secretos, onde era possível jogar cartas, beber vinho e desfrutar de todo tipo de torpeza. Eram os lugares para os quais pessoas infelizes fugiam de sua terrível realidade. Ali, misturavam-se doentes e saudáveis e não há qualquer registro das cenas horripilantes que se passavam naqueles lugares. Dois ou três jornais ainda tentavam preservar a importância da palavra escrita em meio ao pandemônio. Hoje em dia, esses jornais são vendidos a um preço de dez a doze vezes mais do que valiam à época de sua publicação, e, em breve, deverão se tornar grandes raridades bibliográficas. Naquelas colunas de texto, redigidas por datilógrafos meio alucinados em meio à loucura dominante, há uma reflexão viva e terrível sobre os infortúnios daquela cidade infeliz. Havia repórteres que cobriam os “incidentes urbanos”, escritores que acaloradamente discutiam o estado das coisas, e até folhetinistas, que tentavam divertir o público em tempos de tragédia. No entanto, a chegada de telegramas repletos de relatos sobre a vida saudável no exterior deveria encher de desespero as almas dos leitores da Cidade Estelar, fadados à morte.

Foram realizadas algumas tentativas desesperadas de fuga. No começo de julho, uma grande multidão de homens, mulheres e crianças, comandada por um certo John Dew, decidiu partir a pé da cidade até o povoado mais próximo – Londontown. Deville logo percebeu o desvario da empreitada, mas não foi capaz de impedi-los e acabou ele mesmo providenciando

roupas quentes e alimentos para a marcha. Todos, um grupo de cerca de duas mil pessoas, perderam-se e pereceram nas planícies nevadas, em meio à densa noite polar, que só veria o amanhecer dentro de seis meses. Um certo Whiting começou a advogar por uma solução distinta, mais heroica: o extermínio de todos os doentes. Ele estava certo de que isso deteria o avanço da epidemia. Angariou muitos seguidores; naqueles tempos sombrios, mesmo as mais insanas e desumanas propostas, encontravam aderentes, contanto que prometessem uma saída. Whiting e seus seguidores varreram toda a cidade, arrombando lares e matando os doentes. Realizavam massacres nos hospitais, executando até mesmo aqueles que estavam meramente sob suspeita de doença. Loucos e bandidos se juntaram a esse grupo de homicidas ideológicos. Toda a cidade se transformou num campo de batalha. Horácio Deville organizou uma força militar e, com seu espírito, os encorajou e lançou-se pessoalmente à luta contra os seguidores de Whiting. A situação se prolongou por vários dias. Muitos caíram em ambos os lados. Finalmente, o próprio Whiting foi capturado e logo foi diagnosticado com a *Mania contradicens* em seu estágio final. Ao invés de ser encaminhado à execução, foi conduzido a um hospital, onde morreu pouco tempo depois.

Em 8 de julho, a cidade foi atingida pela mais grave das catástrofes. Os operadores da usina central de energia destruíram todo o maquinário. O fornecimento de energia elétrica foi interrompido e toda a cidade, todas as ruas e todas as habitações privadas foram mergulhadas em escuridão absoluta. Já que não se fazia uso de nenhuma outra fonte de energia além da eletricidade, os moradores se viram em uma situação de completo desamparo, sem poder contar com iluminação ou calefação. Deville previra tal perigo e havia preparado de antemão um estoque de tochas e combustível. Fogueiras foram acesas por toda a cidade. Tochas foram distribuídas aos habitantes aos milhares. Mas essas luzes tímidas eram insuficientes para iluminar as gigantescas avenidas, que se estendiam por dezenas de quilômetros, ou os altos edifícios de trinta andares. Sob o manto das trevas, os últimos resquícios de ordem

desapareceram. Terror e loucura finalmente se apossaram das almas. Era impossível distinguir os saudáveis dos doentes. Iniciou-se uma terrível orgia dos desesperados.

Com tremenda rapidez, revelou-se em todos o declínio do senso moral. O casco delicado e milenar da cultura se rompeu, revelando o homem-besta ocultado por ela, nu e selvagem, como quando ainda rondava a terra virgem. Todas as noções de certo e errado desapareceram, restou apenas a lei do mais forte. Para as mulheres, a única norma era a da sede pelo prazer. Mesmo as mães mais recatadas passaram a se comportar como prostitutas, passando deliberadamente de mão em mão e a falar a língua dos bordéis. Moças corriam pelas ruas, convidando aqueles que desejavam tomar vantagem de sua inocência. Elas levavam os escolhidos ao quarto mais próximo e a eles se entregavam em camas desconhecidas. Bêbados se refestelavam nas adegas abandonadas, sem se deixar intimidar pelos cadáveres putrefatos a sua volta. Tudo isso era agravado pelos constantes surtos da doença. Triste era a situação das crianças, abandonadas à própria sorte pelos pais. Algumas eram estupradas por vis libertinos, outras, torturadas por adeptos do sadismo, cujo número havia crescido de súbito. Elas morriam de fome em seus berços, em vergonha e sofrimento após serem violentadas; eram mortas acidental e propositadamente. Há até mesmo rumores de monstros que capturavam crianças para satisfazer seus instintos canibais recém despertos.

No período final da tragédia, Horácio Deville não foi capaz, é claro, de ajudar toda a população. Ele organizou um abrigo para todos os que conservaram sua razão no prédio da Prefeitura. Barricadas foram erguidas nas entradas do edifício que se encontravam sob guarda constante. Havia comida e água suficientes para sustentar três mil pessoas por quarenta dias, mas apenas pouco mais da metade desse número veio a se refugiar ali. Infelizmente, a maioria não tomou conhecimento do abrigo de Deville e, então, permaneceu escondida em suas casas. Muitas dessas pessoas não ousaram sair às ruas até o fim, e, hoje, encontram-se em alguns apartamentos os restos mortais

daqueles que morreram de fome em seu isolamento. É admirável o quão reduzido foi o número de casos de “contradição” entre as pessoas que se trancaram na Prefeitura. Deville foi capaz de manter a disciplina em sua pequena comunidade. Até o último dia, ele manteve registros de tudo o que aconteceu, e estes registros, em conjunto com seus telegramas, são as mais fiáveis fontes de informação a respeito da tragédia. Os diários foram encontrados em um armário secreto na prefeitura, no qual outros documentos particularmente valiosos foram guardados. O último registro é datado de 20 de julho. Deville relata que uma multidão ensandecida tentava tomar a Prefeitura e que foi necessário repelir o ataque com uma saraivada de balas. “Não sei pelo que espero”, escreveu Deville. “A ajuda não chegará até a primavera. É impossível sobreviver até lá com os recursos que tenho à minha disposição. Mas cumprirei meu dever até o fim.” Foram estas as suas últimas palavras. Nobres palavras!

Especula-se que a multidão tenha tomado a Prefeitura em 21 de julho e que seus defensores foram mortos ou dispersaram-se. O corpo de Deville ainda não foi encontrado. Não temos nenhuma informação confiável acerca dos acontecimentos posteriores. Devido ao estado em que a cidade foi encontrada, imagina-se que a anarquia atingiu seus limites finais. Imagina-se as ruas escuras iluminadas por fogueiras rudimentares acesas sobre móveis e livros. Obtinha-se fogo batendo pedra contra ferro. Multidões de loucos e ébrios se divertiam de forma selvagem ao redor delas. A taça comunal rodava entre eles. Tanto homens, quanto mulheres bebiam. As mais terríveis e lascivas cenas provavelmente foram testemunhadas. Certos sentimentos obscuros e atavísticos devem ter sido revividos nas almas dos moradores da cidade seminus, sujos e desgrenhados: eles dançavam as danças de antepassados distantes, contemporâneos dos ursos das cavernas, e cantavam as mesmas canções selvagens que hordas teriam cantado outrora, enquanto atacavam mamutes com seus machados de pedra. Os cantos, as falas incoerentes, o riso imbecil, tudo isso se mesclava aos gritos dos doentes, que haviam perdido a habilidade de expressar suas ilusões com palavras, e aos gemidos dos moribundos, que

convulsionavam ali mesmo, em meio aos corpos em decomposição. Às vezes, a dança era substituída por brigas – por um barril de vinho, por uma bela mulher –, às vezes por nenhum motivo, apenas por conta de um acesso de loucura que os impelia a atos insensatos e contraditórios. Não havia para onde correr: as mesmas cenas de terror, as mesmas orgias, as mesmas lutas, as mesmas elações brutais, a mesma malícia brutal estavam presentes em todos os lugares. E a escuridão era ainda mais atemorizante e insuportável à mente perturbada.

Nesses dias, a Cidade Estelar se tornou uma imensa caixa preta, onde foram trancafiados ainda vivos alguns milhares de criaturas humanóides, envoltos pelo fedor de centenas de milhares de cadáveres em decomposição e sem entender a gravidade de sua situação. Era a cidade dos insanos, um gigantesco manicômio, a maior e mais repugnante confusão que esta Terra já viu. Aqueles maníacos exterminavam uns aos outros, esfaqueando-se com adagas, mordendo suas gargantas, morrendo de loucura e de terror, de fome e de todas as doenças que imperavam no ar infectado.

Não é preciso dizer que o governo da República não foi um espectador indiferente do cruel desastre que caiu sobre a capital. Contudo, quaisquer esperanças de prestação de auxílio que eles pudessem nutrir foram rapidamente abandonadas. Médicos, enfermeiras, unidades militares e toda a sorte de funcionários se recusaram de forma decidida a servir na Cidade Estelar. Com o colapso do sistema de ferrovias e dirigíveis, além das adversidades climáticas locais, chegar à cidade passou a ser inviável. Ademais, toda a atenção das autoridades se voltou para os outros casos de “contradição” que começaram a aparecer em outros centros urbanos. Em alguns desses distritos, a doença também ameaçava se tornar uma epidemia e o pânico generalizado que ali se desencadeou lembrava o ocorrido na capital. Isso iniciou uma emigração em massa por todos os assentamentos da República. O trabalho nas fábricas parou. Entretanto, graças à tomada de medidas decisivas no tempo certo, o avanço da peste foi detido e em lugar algum a situação tomou as mesmas proporções da tragédia da Cidade Estelar.

Como se sabe, o mundo todo acompanhou as desventuras do jovem país com respiração suspensa. No começo, quando ainda não se sabia a dimensão que o desastre viria a tomar, a curiosidade era o sentimento dominante. Os principais jornais estrangeiros (incluindo este *Boletim Noturno do Norte Europeu*) enviaram correspondentes especiais à Cidade Estelar para cobrir o desenrolar da epidemia. Muitos desses bravos guerreiros se tornaram vítimas de seu comprometimento profissional. Quando as notícias tomaram um rumo alarmante, os governos e sociedades privadas de diversos países ofereceram seu auxílio à República. Alguns enviaram tropas e médicos, outros, doações. Contudo, os eventos escalaram com tamanha velocidade que a maior parte dessas iniciativas não pode se concretizar. Com a interrupção da comunicação ferroviária, os telegramas do Diretor eram a única fonte de informação disponível. Eles eram imediatamente distribuídos em milhões de cópias a todos os cantos do planeta. Mesmo após o colapso da rede elétrica, o telégrafo ainda funcionou por alguns dias, já que a estação contava com geradores recentemente carregados. Não se sabe a razão exata pela qual a comunicação telegráfica cessou, talvez os equipamentos estivessem danificados. A última correspondência de Deville foi datada de 27 de junho. A partir de então, o restante do planeta passou um mês e meio sem ter notícias da capital da República.

Em julho, várias tentativas de se reestabelecer a conexão aérea à Cidade Estelar foram feitas: novos dirigíveis e aeroplanos foram enviados à República. Por algum tempo, todas elas estavam fadadas ao fracasso. Enfim, o aeronauta Thomas Billy conseguiu sobrevoar a desafortunada cidade. Ele resgatou duas pessoas de um telhado, já há tempos privadas de razão, meio mortas de fome e frio. Por detrás das hélices, Billy pôde ver que as ruas estavam mergulhadas nas mais profundas trevas e ouviu os gritos selvagens que denunciavam a vida subsistente na cidade. Ele não ousou adentrá-la. No final de agosto, foi possível restaurar uma das linhas de trem, que ia até a estação de Lissis, situada a cento e cinco quilômetros da cidade. Um destacamento de homens bem armados e munidos de alimentos e equipamentos para a prestação de primeiros

socorros penetrou a cidade pelo portão noroeste. Entretanto, o terrível fedor não permitiu que avançassem além dos primeiros quarteirões. Foi necessário entrar aos poucos, coletando os cadáveres e se utilizando de meios artificiais de purificação do ar. As pessoas encontradas ali se comportavam como animais selvagens e tiveram de ser capturadas à força. Em meados de setembro, enfim, foi reestabelecida uma comunicação estável com a Cidade Estelar e iniciada sua reconstrução.

No presente momento, os cadáveres já foram removidos da maior parte da cidade. A luz elétrica e aquecimento foram reestabelecidos, com exceção do bairro americano. Diz-se que lá não resta ser vivente algum. Cerca de dez mil pessoas foram resgatadas no total, mas a maioria delas não pode ser curada de suas perturbações mentais. Os pacientes em recuperação relutam em contar suas experiências. Ademais, suas histórias são repletas de contradições e frequentemente não encontram lastro documental. Em vários lugares, encontrou-se jornais publicados localmente por toda a cidade até o final de julho. O último deles, saído em 22 de julho, comunicava o falecimento de Deville e clamava pelo reestabelecimento do abrigo na Prefeitura. Foi encontrada ainda uma folha referente ao mês de agosto, mas o seu conteúdo é tal que o seu autor (pelo visto também o responsável pela impressão desse delírio) deve ser reconhecido como decididamente insano. O diário de Deville descoberto na Prefeitura, por sua vez, apresentou uma crônica consistente das três semanas entre 28 de junho e 20 de julho. O terrível cenário encontrado nas ruas e nas casas dava indícios detalhados do caos que imperara na cidade até pouco tempo atrás. Havia corpos mutilados por toda parte: pessoas mortas por inanição, pessoas estranguladas e torturadas, pessoas assassinadas em acessos de loucura, corpos meio devorados. Corpos eram encontrados nos lugares mais inesperados: em túneis de metrô, nos esgotos, em toda sorte de depósito, em caldeiras; em seu desespero, os moradores buscavam refúgio em qualquer lugar. O interior de quase todas as habitações foi destruído, e os bens que não eram úteis aos ladrões foram escondidos em quartos secretos subterrâneos. S e m dúvidas, levará alguns meses para que a Cidade Estelar volte

a ser habitável. Ainda agora, ela, que pode abrigar até três milhões de habitantes, encontra-se praticamente deserta, salvo por cerca de trinta mil trabalhadores ocupados da limpeza das ruas e dos edifícios. Alguns antigos habitantes foram resgatar os corpos de seus entes queridos e os resquícios de sua propriedade destruída e saqueada. Também chegaram diversos turistas, atraídos pelo macabro espetáculo da urbe devastada. Aproveitando a demanda, dois empresários já abriram hotéis e seus negócios são prósperos. Em breve, um *café-chantant* será inaugurado. Sua trupe já foi contratada.

Por sua vez, o *Boletim Noturno do Norte Europeu* envia à cidade um novo correspondente, o senhor Andrew Ewald, e espera manter seus leitores atualizados com as mais novas descobertas a respeito da malfadada capital da República do Cruzeiro do Sul.